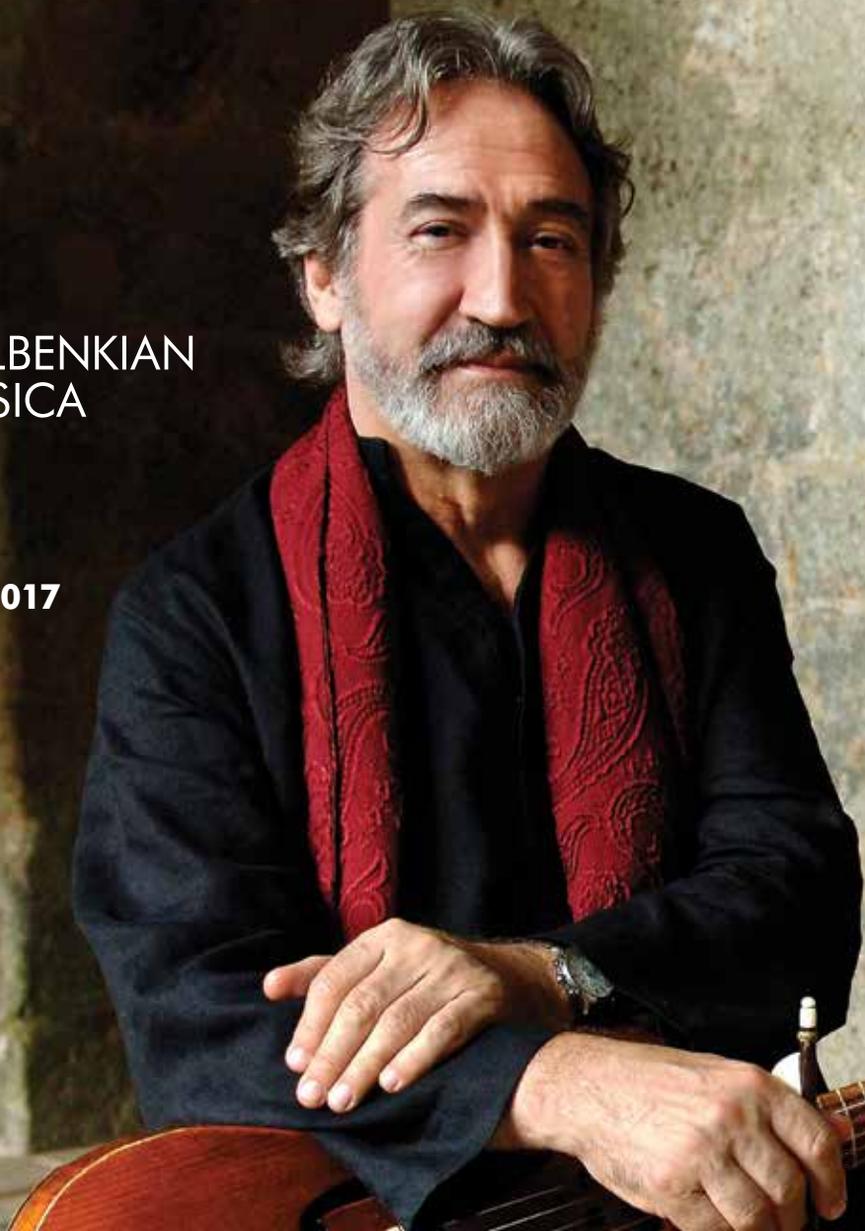


Jordi Savall

As Rotas da Escravatura

 GULBENKIAN
MÚSICA

13 ABRIL 2017



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Joalheiros há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Muito mais de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO


pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



As Rotas da Escravatura

África, Portugal, Espanha e América Latina

Memórias da Escravatura

1444 – 1888

Jordi Savall Direção

Alberto Magassela Narrador

MALI

Kassé Mady Diabaté Voz

Ballaké Sissoko Kora

Mamani Keita, Nana Kouyaté,

Tanti Kouyaté Coralistas

MADAGÁSCAR

Rajery Valiha

MARROCOS

Driss el Maloumi Oud

MÉXICO / COLÔMBIA

Tembembe Ensemble Continuo

Ada Coronel Vihuela, Guasá, Dança e Voz

Leopoldo Novoa Marimbol,

Marimba de chonta e Tiple colombiano

Enrique Barona Vihuela, Leona, Jarana,

Queixada de cavalo, Dança e Voz

Ulises Martínez Violino, Vihuela, Leona e Voz

BRASIL

Maria Juliana Linhares Soprano

Zé Luis Nascimento Percussão

ARGENTINA

Adriana Fernández Soprano

VENEZUELA

Iván García Baixo

La Capella Reial de Catalunya

David Sagastume Contratenor

Víctor Sordo Tenor

Marco Scavazza Baixo

Daniele Carnovich Baixo

Hespèrion XXI

Pierre Hamon Flautas

Jean-Pierre Canihac Corneto

Béatrice Delpierre Charamela

Daniel Lassalle Sacabuxa

Josep Borràs Baixão

Jordi Savall Viola da gamba soprano

Philippe Pierlot Viola da gamba baixo

Xavier Puertas Violone

Xavier Díaz-Latorre Tiorba, Guitarra e Vihuela de mão

Andrew Lawrence-King Harpa barroca espanhola

Pedro Estevan Percussão

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 20 min.

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

1.ª Parte

Texto Aristóteles (Séc. IV A.c.), *Política*

Música Percussões

Texto 1444. Crónica da Guiné

Música Kora e Valiha

Anónimo (Mali): *Djonya* (Introdução)

Mateo Flecha, o Velho / Son jarocho (trad.): *La Negrina-Gugurumbé* e *Los Negritos*

Lazir Sinval (Brasil, tradição africana): *Vida ao Jongó* (Jongó da Serrinha)

Texto 1505. Carta do Rei Fernando I

Música Guitarra (Romanesca)

Juan Gutiérrez de Padilla (Mss. Puebla, 1657): *Tambalagumbá* (*Negrilla* a 6 v. e bc.)

Tradicional (Pacífico, Colômbia): *Velo que bonito* (o San Antonio, canto sacro)

Anónimo (Mali): *Manden Mandinkadenou* (Canto de griot)

Texto 1620. *Sermões* de António Vieira

Música Valiha

Tradicional / Erivan Araújo (Brasil): *Canto de Guerreiro* (Caboclinho paraibano)

Anónimo (Mali): *Kouroukanfouga* (instr.)

Texto 1657. As músicas dos escravos

(Richard Ligon, *True and Exact History of the Island of Barbados*)

Música Percussões

Tradicional (Costa Chica de Guerrero, México): *Son de la Tirana*: “*Mariquita, María*”

Roque Jacinto de Chavarría (Sucre, 1718): *Los Indios*: “*¡Fuera, fuera! ¡Háganles lugar!*”

Texto 1661. Os castigos dos escravos (“Código da Escravatura dos Barbados”)

Hans Sloane, *a Voyage to the Islands*, 1706

Música Tambores muito lentos

Anónimo (Mali): *Sinanon Saran* (Canto de griot)

INTERVALO

2.ª Parte

Texto 1685. O “Código Negro” de Luís XIV

Música Kora e Oud

Tradicional (Santander de Quilichao, Colômbia): *El Torbellino*

Tradicional / Escurinho (Brasil): *Sai da casa* (Ciranda)

Texto 1748. Montesquieu, “Da escravatura”

Música Malimba

Anónimo (Madagáscar): *Véro* (instr.)

Anónimo, Codex Trujillo (Peru, Bolívia) *Tonada El Congo: “A la mar me llevan”*

Texto 1782. A petição da escrava Belinda

Música Oud

Anónimo (Mali): *Simbo* (Canto de griot)

Tradicional (Veracruz, México): *La Iguana* (Son jarocho)

Texto 1848. Decreto sobre a abolição da escravatura

Música Kora e Valiha

Tradicional / Paulo Ró e Águia Mendes (Brasil): *Bom de Briga* (Maracatu e Samba)

Frei Filipe da Madre de Deus: *Negro a 5: “Antonya, Flaciquia, Gasipà”*

Texto 1963. Martin Luther-King, “Porque não podemos esperar”

Música Percussões

Anónimo (Mali): *Touramakan* (Canto de griot)

Seleção de música do Mali: Kassé Mady Diabaté e Violet Diallo

Os arranjos e improvisações de Kassé Mady Diabaté são publicados por Carthage Music Ltd.

Seleção de música do México e da Colômbia: Leopoldo Novoa

Seleção de música do Brasil: Maria Juliana Linhares

Pesquisa histórica e literária: Sergi Grau e Manuel Forcano

Conceção do programa e seleção musical final: Jordi Savall

Com o apoio do Departamento de Cultura da Generalitat de Catalunya, da Diputació de Barcelona e do Institut Ramon Llull

Este programa tem o patrocínio da Unesco

As Rotas da Escravatura

África, Portugal, Espanha e América Latina

Memórias da escravatura

1444 - 1888

A humanidade está dividida em dois: os senhores e os escravos.

Aristóteles (385-322 a.C), Política

O homem é o lobo do homem.

Plauto (c. 195 a.C), Asinaria

O homem é um lobo para com outros homens.

Thomas Hobbes (1651), De Cive

Apesar de durante mais de quatro séculos, contados entre 1444 (o ano em que ocorreu a primeira expedição escravagista de grande escala, descrita num texto desse período) e 1888 (o ano em que a escravatura foi abolida no Brasil), mais de 25 milhões de africanos terem por diversos países europeus sido embarcados em navios e condenados a uma vida de servidão, este período histórico – um dos mais dolorosos e vergonhosos da história da humanidade – continua em grande parte a ser desconhecido do grande público.

As mulheres, homens e crianças que foram brutalmente deportados das suas aldeias em África para as colónias europeias do Novo Mundo apenas tinham a companhia da sua cultura de origem: as suas crenças religiosas, a sua medicina tradicional, os seus hábitos alimentares e a sua música – canções e danças que mantiveram vivas nos locais de destino para onde se viram transportados, sobretudo as plantações. Iremos tentar evocar esses vergonhosos momentos da história da humanidade através de uma série de eloquentes textos e relatos, acompanhados pela emoção e vitalidade da música, ao som da qual os escravos cantavam e dançavam.

E, no entanto, como poderiam eles pensar em cantar ou dançar quando se encontravam reduzidos à condição de escravos? A resposta é simples: a canção e a dança, estruturadas ritmicamente pela música, constituíam o único contexto em que podiam sentir-se livres e expressar-se – eram algo que ninguém lhes podia retirar. A canção era, assim, o principal modo de exprimir as suas mágoas e alegrias, os seus sofrimentos e esperanças, para além de lhes recordar as origens e os seus entes queridos. Permitia a todas aquelas pessoas com origens e línguas diversas criar um mundo comum e resistir à negação da sua humanidade. Neste concerto, a música viva que resulta das tradições antigas dos descendentes desses escravos – tradições essas que deixaram marcas profundas na memória das pessoas afetadas, provenientes das regiões costeiras da África Ocidental, do Brasil, do México e das ilhas das Caraíbas – entrará em diálogo com as formas musicais hispânicas e europeias inspiradas pelas canções e danças dos escravos, dos povos indígenas e misturas raciais de todos os tipos. A herança africana e americana combinar-se-ão



AS ROTAS DA ESCRavidURA © CLAIRE XAVIER

com elementos importados e tomados de empréstimo da Europa do Renascimento e do período Barroco.

Graças à surpreendente vitalidade e profunda emoção desta música, relembremos a história da Passagem do Meio e do comércio escravagista através da memória dos descendentes das suas vítimas no Brasil (*Jongos, Caboclinhos paraibanos, Ciranda, Maracatu e Samba*), no Mali (*Chants Griotes*), na Colômbia, no México e na Bolívia (canções e danças tradicionais africanas). O testemunho da colaboração mais ou menos forçada dos escravos na liturgia das igrejas do Novo Mundo é representado por *Villancicos de Negros, Indios e Negrillas*, por canções cristãs compostas por Mateo Flecha, o Velho (*La Negrina*), Juan Gutiérrez de Padilla (Mss. Puebla), Juan de Araujo, Roque Jacinto de Chavarria, Frei Filipe da Madre de Deus, etc., que resultaram de uma cultura de conquista e evangelização forçada. Neste programa de concerto, o nosso objetivo é manter viva a memória desta tragédia humana e prestar homenagem às vítimas deste terrível comércio que afetou milhões de homens, mulheres e crianças africanas, que foram

sendo sistematicamente deportados ao longo de diversos séculos. Não deverá ser esquecido que o “comércio triangular” – que ligava a Europa, a África e o Novo Mundo e que ajudou a sustentar o crescimento económico das principais nações da Europa e das colónias do Novo Mundo – não foi abolido senão perto de finais do século XIX. Talvez as grandes potências dos nossos dias, que nos tempos coloniais retiraram benefícios do trabalho escravo gratuito, devessem refletir na responsabilidade que lhes assiste na situação difícil enfrentada por muitos povos de África e devessem propor soluções mais eficazes e humanas aos sérios problemas da imigração clandestina para o sul da Europa. Oicamos então a música e as canções que evocam a memória dessa história de abjetos sofrimentos, quando a música era um meio de sobrevivência e – felizmente para todos nós – o único refúgio de paz, consolo e esperança.

Jordi Savall

ALIA VOX AVSA 9920

TRADUÇÃO: LINGUAEMUNDI

Jordi Savall



JORDI SAVALL © DR

Jordi Savall é uma das personalidades musicais mais polivalentes da sua geração. Há mais de cinquenta anos que investiga e interpreta a música antiga com a sua viola da gamba e como diretor musical e maestro. Como concertista, pedagogo, investigador e criador, é um dos principais responsáveis pela recuperação de inúmeras joias musicais que ficaram esquecidas no tempo. Com Montserrat Figueras, fundou os grupos musicais Hespèrion XX/XXI (1974), La Capella Reial de Catalunya (1987) e Le Concert des Nations (1989), explorando e criando um universo de emoções e beleza que tem vindo a fascinar milhões de amantes da música. Depois de completar o curso de violoncelo no Conservatório de Barcelona (1964), iniciou em 1965, de forma autodidata, o estudo da viola da gamba e da música antiga no seio do grupo Ars Musicae. A partir de 1968, aperfeiçoou os seus estudos musicais na Schola Cantorum Basiliensis (Suíça), instituição onde viria a lecionar até 1993. Além de inúmeros concertos em todo o mundo, gravou e editou mais de 230 discos dedicados aos repertórios da música medieval, renascentista, barroca e clássica, dando também especial atenção ao património musical hispânico e

mediterrâneo. Essa produção foi merecedora de numerosos galardões, entre eles, os prémios *Midem Classical*, *International Classical Music* e *Grammy*. Para Jordi Savall, “a música é um dos meios de expressão e comunicação mais universais, e a medida da sua importância e significado não se pode determinar segundo critérios de evolução da linguagem, mas sim segundo o grau de intensidade expressiva, riqueza interior e humanidade”. Os seus programas de concerto souberam converter a música num instrumento de meditação para a paz e a compreensão entre povos e culturas diferentes, por vezes em conflito. Em 2008 foi nomeado Embaixador da União Europeia para o Diálogo Intercultural. Jordi Savall e Montserrat Figueras foram nomeados em 2009 “Artistas para a Paz” no âmbito do programa Embaixadores de Boa Vontade da UNESCO. Além disso, Jordi Savall recebeu doutoramentos honorários pelas Universidades de Évora, Barcelona, Lovaina e Basileia, o título de *Chevalier de la Légion d’Honneur* (França), o *Praetorius Musikpreis Niedersachsen 2010* (Baixa Saxónia, Alemanha), a Medalha de Ouro da Generalitat de Catalunya e o prestigioso prémio *Léonie Sonning 2012*.

La Capella Reial de Catalunya



LA CAPELLA REIAL DE CATALUNYA E HESPERION XXI © DAVID IGONIAZEWSKI

Seguindo o modelo das famosas “Chapelles Royales” medievais, para as quais foram criadas numerosas obras-primas de música sacra e profana ibérica, Montserrat Figueras e Jordi Savall fundaram em 1987 La Capella Reial, um dos primeiros grupos vocais dedicados à interpretação da música dos Séculos de Ouro, seguindo critérios históricos e formado exclusivamente por vozes hispânicas e latinas. A partir de 1990, esta formação passou a receber o patrocínio regular da Generalitat de Catalunya, passando então a designar-se La Capella Reial de Catalunya. O novo agrupamento dedicou-se à recuperação e à interpretação do património vocal polifónico medieval e dos Séculos de Ouro hispânicos e europeus anteriores ao século XIX. Na mesma linha artística do Hesperion XXI, La Capella Reial de Catalunya soube combinar magistralmente a qualidade e adequação ao estilo de época, bem como a declamação e a

projeção expressiva do texto poético. A sua atenção foca-se sobretudo no período que se estende da música medieval mediterrânica até aos grandes mestre da Renascença e do Barroco, no entanto obteve também grande sucesso na interpretação de obras do Classicismo e de composições contemporâneas de Arvo Pärt. De destacar também a sua participação na banda sonora do filme *Jeanne la Pucelle* (1993), de Jacques Rivette, sobre a via de Jeanne d’Arc. Em 1992, La Capella Reial de Catalunya estreou-se no género da ópera, tendo entretanto colaborado, como coro, em todas as representações onde participou a orquestra Le Concert des Nations. La Capella Reial de Catalunya gravou mais de 40 discos, regularmente distinguidos com prestigiosos prémios. Sob a direção de Jordi Savall, continua a desenvolver uma intensa atividade de concertos e de gravações e a participar regularmente nos festivais internacionais de música antiga.

Hespèrion XXI



HESPÈRION XXI - LA CAPELLA REIAL DE CATALUNYA © DAVID IGANZENSKI

O valor mais importante da música antiga reside na sua capacidade universal de transmitir sensibilidades, emoções e ideias ancestrais que, ainda nos nossos dias, cativam o espectador. Com um repertório que se estende do século X ao século XVIII, o Hespèrion XXI procura, de forma permanente, novos pontos de encontro entre Oriente e Ocidente, dando expressão a uma vontade clara de integração e de recuperação do património musical internacional, nomeadamente da zona mediterrânica e em conexão com as músicas do Novo Mundo. Em 1974, em Basileia, Jordi Savall e Montserrat Figueras, em conjunto com Lorenzo Alpert e Hopkinson Smith, fundaram o agrupamento Hespèrion XX com um objetivo comum: o estudo, a interpretação e a difusão do repertório anterior ao séc. XVIII, a partir de premissas novas, nomeadamente os critérios históricos e os instrumentos originais. Na Antiguidade, era dado às penínsulas Itálica e Ibérica o nome de *Hesperia*. Em grego antigo, *Hesperio* designava uma pessoa originária de

uma destas penínsulas. Era também o nome dado ao planeta Vénus quando, ao anoitecer, surge no céu a Ocidente. A partir do ano 2000, o agrupamento passou a designar-se Hespèrion XXI, sendo hoje uma referência incontornável para a compreensão da evolução da música praticada no espaço temporal que se estende da Idade Média até ao Barroco.

O valor do seu trabalho de recuperação de obras, partituras e instrumentos é incalculável. Adotando uma orientação artística inovadora, o Hespèrion XXI encara a música antiga também como um campo de experimentação musical, procurando atingir os mais elevados níveis de autenticidade, de beleza e de expressividade nas suas interpretações. O seu vasto repertório inclui peças sefarditas, romances castelhanos e peças do Século de Ouro espanhol e da Europa das Nações, entre outras obras. Gravou mais de 60 discos e apresenta-se em concerto em todo o mundo, incluindo os mais importantes festivais internacionais de música antiga.

Alberto Magassela



ALBERTO MAGASSELLA © DR

Kassé Mady Diabaté

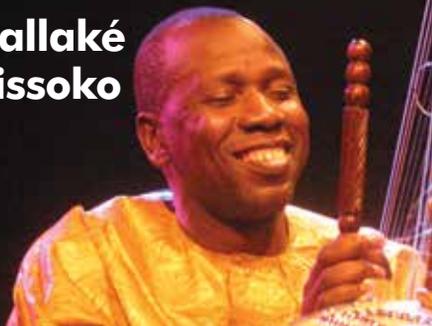


KASSÉ MADY DIABATÉ © DR

Alberto Magassela nasceu em Maputo, em 1966. Em 1980 iniciou-se no teatro amador e em 1990 decidiu colaborar com o grupo M'Beu, dirigido por Evaristo Abreu, um viveiro de atores para o Grupo Profissional Mutumbela Go-Go, de Manuela Soeiro, em Maputo. Em 1991 foi convidado pelo encenador Henning Mankell para integrar o elenco residente daquele grupo de teatro profissional. Em 1996 fixou residência em Portugal, passando a colaborar regularmente com o Teatro Nacional São João. Estreou-se na peça *Tragicomédia de Dom Duardos*, de Gil Vicente, encenada por Ricardo Pais. Desde então, trabalhou com vários encenadores, incluindo Evaristo Abreu, Henning Mankell, Giorgio Corsetti, Nuno Carinhas, Rogério de Carvalho, Natália Luísa, Miguel Seabra, João Grosso, José Wallenstein e Carlos Pimenta. Participou em festivais nacionais e europeus, incluindo o FIT (Lisboa), o FITEI (Porto) e o Festival Internacional de Teatro de Zurique. Participou em muitas peças teatrais, incluindo: *O Grande Teatro do Mundo* de Calderón de la Barca; *Noite de Reis* de W. Shakespeare; *Os Gigantes da Montanha* de L. Pirandello; *O Café* de C. Goldoni; *Os Negros* de J. Genet; *Trilogia das Barcas* de Gil Vicente; *Vermelhos Negros e Ignorantes* de E. Bond; *O Despertar da Primavera* de F. Wedekind; *Mar me quer* de Mia Couto; *Alguém Olhará Por Mim* de F. McGuiness; ou *Lisístrata* de Aristófanos. No domínio do cinema, trabalhou com os realizadores João Maia, Ricardo da Costa Pinho, Jorge Marecos, Carlos Assis, Alison Murray, Carlos Coelho da Silva e João Maia, entre outros.

O império mandinga, fundado pelo imperador Soundjata no séc. XIII, estendia-se por toda a África Ocidental, de Casamansa ao Burquina Faso. Para federar um território tão extenso, Soundjata utilizou uma arma inédita: a música. A música era tudo: guardiã da história e da tradição, mensageira dos sábios e dos reis. Insuflava na alma mandinga o equilíbrio, o amor e a paz necessários à manutenção de um tão vasto império. Este instrumento político fez dos músicos, os *djélis* (griots), uma casta poderosa que sobreviveu a sete séculos de tumultos e grandes mudanças e que floresce, hoje em dia, no mercado das músicas africanas. Kasse Mady Diabaté é descendente de uma reputada família de griots, os Diabaté de Kéla. A sua tia era a lendária griotte Siramori Diabaté. O seu avô era apelidado "Jeli Fama", ou seja "o Grande Griot", por causa da impressionante qualidade da sua voz. Quando Kassé atingiu a idade de sete anos, os anciãos da família reconheceram que Kassé tinha herdado a voz do avô, como se fosse uma reencarnação. Assim, treinaram-no e encorajaram-no antes da sua estreia na Bienal de Bamako, onde ganhou todos os prémios. Desde a década de 1960, é solicitado por muitos agrupamentos de vanguarda no Mali, bem como a nível internacional. Ao longo de mais de cinco décadas, participou em experiências musicais inovadoras, ao mesmo tempo que foi aprofundando e divulgando o seu conhecimento das tradições musicais africanas mais antigas.

Ballaké Sissoko



BALLAKÉ SISSOKO © DR

Ballaké Sissoko é um mestre da kora, para além de compositor e improvisador. O seu instrumento é uma harpa-alaúde de 21 cordas de origem mandinga. Ballaké Sissoko é filho de Djelimady Sissoko, grande mestre da kora da Gambia – membro fundador e depois diretor do Ensemble Instrumental Nacional do Mali, e coautor, em 1971, do primeiro álbum instrumental de kora – e neto de Cherifou Sissoko, também tocador de kora. Premiado no Ensemble Instrumental Nacional do Mali aos 13 anos, aperfeiçoou a sua técnica instrumental com os grandes mestres Sidiki Diabaté, N’Fa Diabaté e Batrou Sékou Kouyaté. As suas propostas inovadoras como instrumentista e compositor tornaram-no num dos músicos mais solicitados pela primeira geração de grandes griottes, como Amy Koïta ou Tata Bambo Kouyaté. Em 1997 lançou o seu primeiro álbum, intitulado *Kora music from Mali*. Em 1999 apresentou-se no Festival des Musiques Métisses d’Angoulême. No ano seguinte, o disco *Deli*, que foi muito elogiado pela crítica internacional, marcou o início da sua carreira a solo. Desde então, colaborou com muitos instrumentistas e compositores a nível internacional, como Ross Daly, Keyvan Chemirani, Dariush Talaï, Ludovico Einaudi, Liu Fang, Médéric Colignon, ou Guillaume Orti. Em 2008 gravou com Rajery e Driss El Maloumi no âmbito do projeto 3MA. O disco *Chamber Music*, gravado com Vincent Segal, foi distinguido nos *Victoires du Jazz* na categoria de “Melhor Álbum Estrangeiro”.

Rajery



RAJERY © DR

Rajery é um dos mais brilhantes e inovadores jovens virtuosos da valiha, instrumento emblemático de Madagáscar. Rajery (que se pronuncia “rajer”) é um homem raro e um músico de exceção. Apesar de ter sofrido a amputação da mão direita, foi com grande determinação que conseguiu tornar-se um virtuoso da valiha. Desenvolveu um estilo único: despojado, refinado e poético. A valiha (pronunciar “vali”) é uma cítara, uma espécie de alaúde tubular em bambu que produz sonoridades cristalinas que evocam a harpa, o cravo, a kora, a sanza, ou o santur. A sua arte é enriquecida por diferentes tradições malgaxes (melodias do planalto central, ritmos salegy, vocalizações polinésias). As suas canções, escritas na língua do país, falam de incêndios que devastam a floresta primitiva, dos ladrões de zebus, da vida quotidiana do povo malgaxe, das suas crenças e dos seus anseios. Humanamente envolvido, Rajery não se contenta em ser apenas um músico, sendo também musicoterapeuta. É professor de valiha desde 1989, tendo criado a sua própria escola em 1994, bem como uma oficina de fabricação da valiha, com o apoio da Unesco e da Handicap International, no âmbito de uma campanha para a abolição do trabalho infantil.

Driss El Maloumi



Driss El Maloumi nasceu em 1970, em Agadir, no sul de Marrocos. É considerado um dos melhores intérpretes de Oud da sua geração. Em paralelo com os seus estudos de licenciatura em literatura árabe, recebeu uma sólida formação em música clássica árabe e ocidental. Desenvolveu um grande interesse pelo Oud, tendo aprofundado os seus conhecimentos teóricos e aperfeiçoado a prática do instrumento. Foi várias vezes galardoado, tendo em 1994 recebido o Prémio de Honra do Conservatório Nacional de Música de Rabat. Para além do contexto marroquino, colaborou com muitos outros músicos a nível internacional como Françoise Atlan, Pierre Hamon, Xavi Maureta, Jordi Savall (e o seu agrupamento Hespèrion XXI), Carlo Rizzo e Paolo Fresu. O seu trabalho é sempre acompanhado por uma profunda pesquisa artística, nomeadamente quando se dedica também à composição, como nos espetáculos franceses *Oiseau de Lune*, *L'Amour Sorcier*, ou *Caravane de Lune*. Driss El Maloumi é conhecido por fazer convergir, com grande perfeição, a música Sufi tradicional de Marrocos com as abordagens modernas do jazz e da música barroca, tal como nos álbuns *Noches*, ou *Jazz aux Oudayas*, que lhe valeram o reconhecimento como um dos mais reputados representantes internacionais da música árabe. Desde 2010, é o Diretor do Conservatório de Música de Agadir.

Maria Juliana Linhares



Maria Juliana Linhares é cantora e professora de canto e trabalha atualmente no Departamento de Educação Musical da Universidade Federal da Paraíba, no Brasil. Nesta mesma instituição, concluiu um Mestrado em Etnomusicologia. Tem experiência em canto popular, tendo realizado um trabalho autoral intitulado “Pétalas Vocais”. Em 2006 ganhou o prémio “Artista Revelação” no festival MPB/SESC, na cidade de João Pessoa. Para além da sua carreira solo, tem colaborado com vários grupos de música popular brasileira, música latina e música flamenca. Trabalha também como preparadora vocal de espetáculos teatrais, nomeadamente com o Grupo de Teatro Lavoura e o Grupo Graxa de Teatro. Como cantora lírica, colaborou com orquestras e grupos de câmara do Brasil, especialmente de música antiga. Recebeu uma menção honrosa como “Solista Revelação” no 13.º Festival e Mostra Maranhense de Canto Lírico (Maracanto). Com a Orquestra Sinfónica Jovem da Paraíba, cantou a *Invocação em Defesa da Pátria*, de Heitor Villa-Lobos e a *Fantasia Coral*, de Beethoven. Foi solista do Coral Universitário da Paraíba. Colaborou também com a Orquestra de Câmara da Cidade de João Pessoa, a Orquestra Sinfónica da Paraíba e o Grupo Camena. É também uma convidada regular da Orquestra de Violões da Paraíba, da Camerata Arte-Mulher, da Banda Sinfónica 5 de Agosto, do Grupo Iamaká de Música Renascentista e Contemporânea, do Grupo Mosayco de Música Flamenca e do Grupo Iakekan de Música dos Povos da América Latina.



Zé Luis Nascimento

ZÉ LUIS NASCIMENTO © DR

O percussionista virtuoso brasileiro Zé Luis Nascimento nasceu em Salvador, no estado da Bahia. Como solista e assistente de direção musical, realizou digressões internacionais como o Balé Folclórico da Bahia, de Salvador, no seio do qual iniciou a sua formação como bailarino e instrumentista. Viajou para França em 1996, tendo então começado a interessar-se pela percussão nos seus vários tipos e estilos ocidentais e orientais. Misturando instrumentos de diferentes origens, desenvolveu um vocabulário rítmico original, mas com um discurso musical coerente. No palco ou no estúdio de gravação, Zé Luis Nascimento colaborou com diferentes artistas como Titi Robin, Mayra Andrade, Ayo, Césaria Evora, Grace and the Spiritual Riders, Jean-Luc Ponty, Al Di Meola, Sixun, Tania Maria, Lokua Kanza, Oumou Sangare, Tété, Souad Massi, Vladimir Cosma, Michel Legrand, Céline Rudolph, Jaques Morelenbaum, ou Georges Moustaki, entre muitos outros, tendo participado em mais de cem álbuns. Completamente empenhado em “servir a música”, criou uma linguagem musical profundamente inspirada, elegante e poderosa.



Adriana Fernández

ADRIANA FERNÁNDEZ © DR

Natural de Buenos Aires, Adriana Fernández iniciou-se no estudo do canto na sua infância, tendo sido solista do Coro Infantil do Teatro Colón, sob a direção de Peter Maag. Depois de se diplomar pelo Conservatório Nacional de Buenos Aires, trabalhou com Ernest Haefliger, Philippe Huttenlocher, Aldo Baldin, Heather Harper e Helmuth Rilling no âmbito da Academia Bach de Buenos Aires. Em seguida estudou com Eric Tappy, tendo recebido o Primeiro Prémio de Virtuosidade do Conservatório de Genebra. Com Barbara Hendricks, Nicolai Gedda e Roger Vignoles aprofundou os seus estudos no domínio da canção de câmara. A partir de 1990, orientou o seu percurso artístico para a música antiga, nomeadamente com o Ensemble Elyma de Gabriel Garrido. Desde então, colaborou com outros importantes agrupamentos do género, como La Capella Reial de Catalunya, Hespèrion XXI, Le Concert des Nations, Ensemble 415, Les Sacqueboutiers, L'Arpeggiata, Al Ayre Español, Le Parlement de Musique, Ensemble Albalonga, ou The Rare Fruits Council, tendo participado nos principais festivais internacionais. Colaborou também com a Orchestre de la Suisse Romande, a Orquestra de Câmara de Genebra, a Orquestra de Câmara de Lausanne, a Orquestra do Festival de Verbier, a Orquestra de Câmara de Israel e a Filarmónica de Buenos Aires, tendo-se apresentado em muitas das principais salas da Europa, das Américas e do Japão. Adriana Fernández é professora titular da classe de canto barroco do Conservatório de Genebra.

Iván García



IVÁN GARCÍA © DR

Tembembe Ensamble Continuo



TEMBEMBE ENSAMBLE CONTINUO © DR

Iván García nasceu em Caracas, na Venezuela. Colaborou com muitos dos principais diretores musicais e teatrais na Europa e na América Latina, incluindo Jordi Savall, Christian Zacharias, Christophe Rousset, Edmon Colomer, Manuel Galduf, Paolo Arrivabeni, Gustavo Tambascio, Lindsay Kemp, Calixto Bieito, Carles Santos, Luis Olmos, ou Carme Portacelli, entre outros. Depois da sua estreia europeia no Festival de Glasgow, em 1996, apresentou-se na Ópera de Telavive, na Ópera de Lyon, na Comédie de Montpellier, no Gran Teatre del Liceu de Barcelona, no Teatro dei Rinnovati de Siena, no Teatro Arriaga de Bilbao e na Philharmonie de Berlim, entre outros palcos. O seu extenso e variado repertório estende-se do Barroco até à música contemporânea e popular, incluindo as óperas *L'incoronazione di Poppea*, de Monteverdi, *A flauta mágica*, *Don Giovanni*, *Così fan tutte* e *O rapto do serralho*, de Mozart, *Fidelio*, de Beethoven, *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini, ou *The Rape of Lucretia*, de Britten, bem como *Old American Song*, de A. Copland, *Hermit Songs*, de S. Barber, ou *El Cimarrón*, de H. W. Henze. Gravou para as editoras K617, Tactus, Alia Vox e Duradisc, bem como para a BBC. Foi premiado na Venezuela, em Londres (LIFT'99) e em Israel (Musical Opera Tel-Aviv 2007). Colabora com a Capella Reial de Catalunya desde 2001.

Os membros fundadores do Tembembe Ensamble Continuo, Enrique Barona, Eloy Cruz e Leopoldo Novoa, realizaram os seus estudos na Escuela Nacional de Musica de la UNAM, no México, bem como noutras instituições musicais no México, na Colômbia, nos Estados Unidos da América e em França. São atualmente professores na Universidade UNAM do México, no Centro Morelense de les Artes e no Centro Ollin Yoliztli. Organizam regularmente sessões de construção e de interpretação de instrumentos tradicionais, bem como “encontros de fandango” nas comunidades do estado de Morelos. O grupo tem como foco a pesquisa, a recriação e a difusão da relação intrínseca entre a música do período Barroco e a música tradicional mexicana e latino-americana, ultrapassando as barreiras históricas e oferecendo novas possibilidades de interpretação inovadora e de afirmação desta música nos nossos dias. Explora as similitudes entre os instrumentos e as práticas próprias de cada manifestação musical, recriando-as no âmbito de um espetáculo total, que inclui música, canto e dança, fazendo reviver, por sua vez, o espírito festivo do fandango hispânico do século XVII e o do fandango tradicional atual. O Tembembe Ensamble Continuo trabalha regularmente com artistas convidados, incluindo músicos tradicionais de diferentes regiões do México. Ada Coronel, que estudou a dança tradicional, fundou o Yolotecuhani, um grupo na tradição do Fandango de Tixtla Guerrero. Ulises Martínez pertence a uma família de músicos conhecidos da tradição Purépecha de Michoacan.

17 Abril

SEGUNDA, 21:00

Gidon Kremer

Kremerata Baltica

 GULBENKIAN
MÚSICA


KREMERATA
BALTICA
20th anniversary

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



20 + 21 Abril

QUINTA, 21:00 / SEXTA, 19:00

Gautier Capuçon

Orquestra
Gulbenkian



GULBENKIAN
MÚSICA



GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
REAGIÃO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DÓMINGO



MECENAS
CICLO FIANGÓ



MECENAS
CORO GULBENKIAN



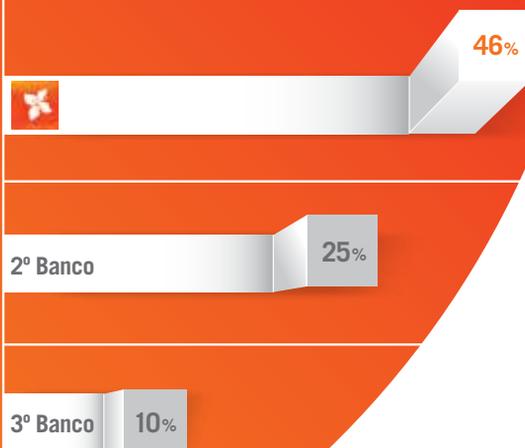
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
500 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2017

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

GULBENKIAN.PT